

ARTHUR C. CLARKE

O FIM DA INFÂNCIA

TRADUÇÃO
Carlos Angelo



Copyright © Arthur C. Clarke, 1953
Copyright © Aleph, 2010
(edição em língua portuguesa para o Brasil)

TÍTULO ORIGINAL: Childhood's end
CAPA: Thiago Ventura
Luiza Franco
TRADUÇÃO DO CONTO "ANJO DA GUARDA": Carlos Orsi
CONSULTORIA DE TRADUÇÃO: Lizbeth Ager
PREPARAÇÃO DE TEXTO: Carlos Orsi
REVISÃO: Angela Maisonnette
Mônica Reis
Hebe Ester Lucas
PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Guilherme Xavier
COORDENAÇÃO EDITORIAL: Débora Dutra Vieira
Marcos Fernando de Barros Lima
DIREÇÃO EDITORIAL: Adriano Fromer Piazzzi

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

ALEPH PUBLICAÇÕES E ASSESSORIA PEDAGÓGICA LTDA
Rua Dr. Luiz Migliano, 1110 – Cj. 301
05711-900 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: [55 11] 3743-3202
Fax: [55 11] 3743-3263
www.editoraaleph.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Clarke, Arthur C. , 1917 - 2008.
O fim da infância / Arthur C. Clarke ; tradução
Carlos Angelo. -- São Paulo : Aleph, 2010.

Título original: Childhood's end
ISBN 978-85-7657-081-3

1. Ficção científica inglesa I. Título.

09-06149

CDD-823.914

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção científica : Literatura inglesa 823.914

I

A TERRA E OS SENHORES SUPREMOS

“O vulcão que erguera Taratua das profundezas do Pacífico já dormia há meio milhão de anos. Ainda assim, muito em breve”, pensou Reinhold, “a ilha seria banhada por um fogo muito mais intenso do que as chamas que testemunharam seu nascer.” Olhou em direção à plataforma de lançamento, e seu olhar escalou a pirâmide de andaimes que ainda cercava a *Colombo*. Sessenta metros acima do solo, a proa da nave apanhava os últimos raios do Sol poente. Esta seria uma das últimas noites que ela veria: logo estaria flutuando no dia eterno do espaço.

Aqui, debaixo das palmeiras, no alto da crista rochosa da ilha, imperava o silêncio. O único som do Projeto era o queixume esporádico de um compressor de ar, ou o grito indistinto de um dos operários. Reinhold aprendera a gostar destas palmeiras amontoadas: ao anoitecer, quase sempre vinha ali para contemplar o seu pequeno império. Entristecia-o pensar que elas seriam reduzidas a átomos quando a *Colombo* se erguesse para as estrelas, em meio a uma fúria flamejante.

A dois quilômetros dos recifes, o *James Forrestal* com seus holofotes vasculhava as águas escuras. O Sol agora já desaparecera de todo, e a rápida noite tropical vinha correndo do leste. Reinhold imaginava, com um leve sarcasmo, se o porta-aviões esperava encontrar submarinos russos tão perto da costa.

Pensar na Rússia fez com que se lembrasse, como sempre, de Konrad e daquela manhã na desastrosa primavera de 1945. Mais de trinta anos se passaram, mas a memória daqueles últimos dias, quando o Reich se desintegrava sob as ondas do Leste e do Oeste, nunca se desvanecera. Ainda conseguia ver os olhos azuis cansados de Konrad, e a barba dourada por fazer em seu queixo, quando apertaram as mãos e se despediram na cidadezinha prussiana arruinada, enquanto uma torrente ininterrupta de refugiados passava por eles. Fora uma despedida que simbolizava tudo o que acontecera desde então com o mundo: a divisão entre o Leste e o Oeste, pois Konrad escolhera a estrada para Moscou. Reinhold o considerara um tolo, mas agora não tinha tanta certeza.

Por trinta anos, imaginara que Konrad estivesse morto. Apenas na semana passada o coronel Sandmeyer, da Inteligência Técnica, havia lhe dado a notícia. Reinhold não gostava de Sandmeyer, e tinha certeza de que o sentimento era mútuo. Contudo, nenhum deles deixava que isso interferisse no trabalho.

– Sr. Hoffmann – o coronel começara, em seu melhor tom oficial –, acabo de receber algumas informações alarmantes de Washington. É claro que são extremamente secretas, mas resolvemos revelá-las para o pessoal de engenharia, para que compreendam a necessidade da pressa. – Fez uma pausa dramática, gesto que não surtiu efeito em Reinhold. De algum modo, já sabia o que viria a seguir.

– Os russos estão quase empatados conosco. Conseguiram um tipo de propulsão atômica. Pode até ser mais eficiente do que a nossa. E estão construindo uma nave às margens do Lago Baikal. Não sabemos até onde chegaram, mas a Inteligência acredita que ela possa ser lançada este ano. O senhor sabe o que *isso* significa.

“Sim”, pensou Reinhold, “eu sei. A corrida começou... e podemos perder.”

– Sabe quem é o chefe da equipe deles? – havia perguntado, sem esperar de fato uma resposta. Para sua surpresa, o coronel Sand-

meyer empurrara sobre a mesa uma folha datilografada e, no alto dela, estava o nome: Konrad Schneider.

– O senhor conheceu muitos desses homens em Peenemünde, não foi? – perguntou o coronel. – Isso pode nos dar uma ideia dos métodos que usam. Gostaria que o senhor me preparasse notas sobre o maior número deles que puder: as especialidades, as ideias brilhantes que tiveram e assim por diante. Sei que estou pedindo muito, depois de todo esse tempo... Mas veja o que pode fazer.

– Konrad Schneider é o único que importa – Reinhold respondera. – Ele era brilhante. Os outros, apenas engenheiros competentes. Só Deus sabe o que ele pode ter feito em trinta anos. Não se esqueça de que ele deve ter visto cada um dos nossos resultados, e nós não vimos nenhum dos dele. Com isso, tem uma tremenda vantagem sobre nós.

Não pretendia, com aquilo, criticar a Inteligência, porém, por um momento, pareceu que Sandmeyer ficaria ofendido. Mas então o coronel deu de ombros.

– Tem suas vantagens e desvantagens, como o senhor mesmo me disse. O nosso livre intercâmbio de informações significa um progresso mais rápido, mesmo se deixamos escapar alguns segredos. Os departamentos de pesquisa russos não devem saber o que seu próprio pessoal faz durante metade do tempo. Vamos mostrar pra eles que a democracia pode chegar primeiro à Lua.

“Democracia... Besteira!”, pensou Reinhold, mas não era louco de dizer. Um Konrad Schneider valia um milhão de eleitores. E o que Konrad já teria feito a esta altura, com todos os recursos da URSS por trás dele? Quem sabe, neste mesmo instante, sua nave já estivesse se afastando da Terra...

O Sol que desertara Taratua ainda estava alto sobre o lago Baikal quando Konrad Schneider e o Comissário-assistente de Ciência

Nuclear afastaram-se, caminhando lentamente, da plataforma de teste do motor. Seus ouvidos ainda pulsavam, doloridos, embora os últimos ecos ensurdecedores tivessem morrido no lago dez minutos antes.

– Por que essa cara? – perguntou, de súbito, Grigorievitch. – Deveria estar feliz agora. Em um mês estaremos a caminho, e os ianques vão ficar se mordendo de raiva.

– Você é um otimista, como sempre – disse Schneider. – Mesmo com o motor funcionando, não é tão fácil. É verdade que não consigo ver nenhum obstáculo sério agora... Mas estou preocupado com os informes de Taratua. Eu disse como Hoffmann é bom, e tem bilhões de dólares por trás dele. As fotografias da nave dele não estão muito nítidas, mas parece não faltar muito para terminar. E sabemos que testou o motor faz cinco semanas.

– Não se preocupe – riu Grigorievitch. – São eles que vão ter uma grande surpresa. Não se esqueça de que não sabem nada de nós.

Konrad Schneider imaginou se isso seria verdade, mas decidiu que era muito mais seguro não expressar dúvidas. Poderia fazer com que a mente de Grigorievitch começasse a explorar canais tortuosos demais e, se tivesse havido um vazamento de informação, seria bem difícil provar a própria inocência.

O guarda fez continência no momento em que Schneider retornou ao edifício administrativo. “Havia quase tantos soldados aqui”, pensou, mal-humorado, “quanto técnicos.” No entanto, era assim que os russos faziam as coisas, e desde que se mantivessem fora do caminho, estava tudo bem por ele. No geral, com algumas exceções irritantes, as coisas haviam se saído praticamente como esperado. Apenas o futuro poderia dizer quem, entre ele e Reinhold, havia feito a melhor escolha.

Ele já estava trabalhando em seu relatório final quando foi perturbado pelo som de vozes gritando. Por um momento sentou-se imóvel à mesa, não conseguindo imaginar que possível circunstân-

cia seria capaz de perturbar a rígida disciplina do campo. Então caminhou para a janela e, pela primeira vez em sua vida, soube o que era o desespero.

As estrelas estavam em toda a sua volta quando Reinhold desceu o morro. Lá no mar, o *Forrestal* ainda vasculhava as águas com seus dedos de luz, enquanto, mais perto da praia, os andaimes em torno da *Colombo* haviam se transformado em uma árvore de natal iluminada. Apenas a proa saliente da nave era como uma sombra escura, ocultando as estrelas.

Um rádio alto tocava música dançante nos alojamentos e, sem perceber, os pés de Reinhold se aceleravam de acordo com o ritmo. Havia quase alcançado a estrada estreita que beirava a areia quando uma premonição, um movimento apenas vislumbrado, fez com que parasse. Perplexo, desviou o olhar da terra para o mar, e do mar para a terra. Passou-se algum tempo antes que pensasse em olhar para o céu.

Nesse momento, Reinhold Hoffmann soube, ao mesmo tempo que Konrad Schneider, que havia perdido a corrida. E soube que a perdera não por poucas semanas ou meses, como vinha temendo, mas por milênios. As sombras enormes e silenciosas que se moviam entre as estrelas, mais quilômetros acima de sua cabeça do que se atrevia a imaginar, superavam sua pequena *Colombo* tanto quanto ela superava as canoas de tronco do homem paleolítico. Por um momento, que pareceu durar para sempre, Reinhold observou, da mesma maneira que todo o planeta estava fazendo, enquanto as grandes naves desciam em sua avassaladora grandiosidade, até que, por fim, pôde ouvir o grito indistinto de sua passagem pelo ar rarefeito da estratosfera.

Não lamentou que o trabalho de uma vida tivesse se perdido. Batalhara para levar os homens às estrelas e, em seu momento de triunfo, as estrelas, distantes e indiferentes, tinham vindo até ele.

Este era o momento em que a história prendia a respiração, e o presente se destacava do passado da mesma forma que um iceberg se rompe dos despenhadeiros gelados que lhe dão origem para navegar pelo oceano, solitário e orgulhoso. Tudo o que as gerações passadas haviam conquistado era, agora, como nada. Um único pensamento se repetia na mente de Reinhold:

“A raça humana não estava mais só”.